ANO 12.º

Sabado, 17 de Janeiro de 1920

Numero 606

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impressão na Tip. *Nacional* R. dos S. Martires—AVEIRO.

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

NOTA POLITICA

—=(*)=—

Gráves acontecimentos produzidos em Lisboa impediram que tomasse posse o novo ministerio que se havia formado sob a presidencia do sr. dr. Fernandes Costa e era constituido por elementos todos pertencentes ao partido liberal.

A' hora que escrevemos não são ainda conhecidos pormenores detalhados que nos habilitem a fazer um juizo seguro sobre os intuitos dos que para a rua vieram reclamar um govêrno nacional em nome do país, motivo por que nos abstemos de comentar hoje o extranho caso, que mais uma vez pôz em sobresalto os habitantes da capital e em chéque o alto prestigio do venerando presidente da Republica.

A avaliar, porêm, pelo que dizem os jornaes de ontem, parece que, acedendo aos desejos dos representantes do *povo soberano*, o snr. dr. Antonio José de Almeida vai de novo tentar a organisação dum ministerio nacional, que, contudo, não foi possivel constituir-se ao ser iniciada a crise actual, apezar de todos os esforços empregados nesse sentido.

Não queremos fazer vaticinios; mas se uma rajada de bom senso não vem, depressa, deter a anarquia que se apresenta com sintomas tão funestos, qual será o futuro que nos espera?

Films...

Excelente

Documento passado pelo regedor duma das freguesias de Penafiel:

> Eu abaixo assigna [illegible] regidor desta freguesia atesto i juro co boi antes de murrer istaba bibo i logo pode serbir pra carne de baca.
>
> Saude i Fróternidade.

Conhecemos deputados que não escreveriam melhor se estivessem nas condições deste regedor. Todavia, ainda havemos de os vêr ministros para se não rirem... do sr. Barbosa de Magalhães...

A ordem é rica

Por ocasião do Natal chegou a Lisboa o nosso consul no Rio de Janeiro, que, chamado pelo snr. ministro dos Estrangeiros, não se sabe para quê, continua a passear na baixa, locupletando-se, no entanto, com SETE LIBRAS DIARIAS, ou sejam **88$41** ao cambio do dia, afóra as passagens, não obstante achar-se a verba esgotada.

Comenta um colega que assim até apetece ser *defensor da Republica!*

Se a ordem é rica...

Que é isto?

Foi detido em Lisboa um cavalheiro, que exerceu o cargo de director do extinto ministerio das subsistencias, e que, segundo a comissão parlamentar de inquerito a essa repartição do Estado, de triste memoria, está comprometido em varios negocios ilicitos, devendo por eles responder. Dizem, porêm, os jornaes donde respigâmos a nota, que, em vez de dar entrada na cadeia, o homem se encontra magnificamente instalado em casa, visto ter sido essa a prisão escolhida para nela aguardar o respectivo julgamento!

Que é isto? Como se entende isto?—perguntarão alguns leitores boquiabertos.

Pois o que hade ser! E' um dos muitos gatunos bem apadrinhados que não quere acamaradar com os colegas e a favor de quem se ousa praticar uma excepção tão revoltante, que nem achâmos termo proprio para a classificar nas colunas do jornal...

Só de viva voz e á maneira de *Zé Povinho*...

Recordação

—=(*)=—

Do *Romper d'A Manhã*, do dia 13:

> No seu artigo de fundo, de ontem, firmado por Artur Leitão, o *Portugal* recorda a sua atitude antes do dezembrismo, quando diariamente *em plena fase de vertigem partidarista, se permitia apontar ao carro dos triunfadores o despenhadeiro para onde marchavam com impavida imponencia, de tunicas ao vento, chicote fustigante e redeas abandonadas...* E' absolutamente verdade. O *Portugal* apontou dezenas de vezes ao governo democratico de então, presidido pelo sr. Afonso Costa, a pessima politica que seguia, entregue a uma oligarquia que não só perseguia os adversarios e estrangulava a liberdade de opinião, aplicando a censura, estabelecida para as coisas da guerra, ás discussões da politica interna, como a grande parte dos seus proprios correligionarios vexava e ofendia. Os penicularios vis do poder malsinaram a atitude do *Portugal*, como malsinavam a nossa atitude, mas, se houvessem atendido a essas expressões da opinião, o dezembrismo não teria sido possivel. Esse dezembrismo começou por assaltar o *Portugal* e acabou por nos assaltar a nós, mas isso não impediu que tanto o *Portugal* como a *Manhã* tenham sido considerados pelos causadores do dezembrismo como traidores e talassas. Se fosse Emidio Navarro quem registasse esta recordação, termina-la ía com um dos mais celebres finais de artigo.

Por exemplo: aquele—**Arre, malandros!** — sugere-nos tão a proposito e não exitâmos em o reproduzir com aplicação aos que não só teem sido os causadores da ruína do país, como ainda por cima se julgam no direito de classificar os que se não deixam ir a reboque, com os epitetos afrontosos de *traidores e talassas!*

Arre, malandros!—é, realmente, a unica frase a aplicar depois das considerações de *A Manhã*, vitima, como nós, da malidicencia *republiqueira*.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

No Parlamento

—(*)—

O sr. Ramada Curto, deputado socialista, discursando na sessão que motivou a queda do govêrno:

> A maioria democratica leva os dias e as noites a subir ao alto de Santa Catarina a vêr se chega o novo D. Sebastião, o novo Desejado. E quem é o homem que hade vir numa manhã de nevoa para salvar o partido e salvar a Republica? E' o snr. Afonso Costa. E como ele não chega nunca, a maioria vai-se governando com o sr. Sá Cardoso, que não faz nada, que não sabe nada, que não serve para nada!

E continuando:

> E' preciso que o país saiba, que o país me oiça. Em assunto de finanças e quanto ás existencias do Banco de Portugal, o sr. Sá Cardoso rapou o fundo ao tacho. (Textual). Numa semana aumentou a circulação fiduciaria em mais de 150:000 contos! Foi-se tudo quanto havia no Banco de Portugal. E' a ruina, é a morte, é a maior das vergonhas. O país morre de fome atascando-se na crápula da jogatina, a mais ignobil e a mais infrene.

Um áparte do sr. Cunha Leal:

> O que os snrs. talvez não saibam é que o sr. Presidente, que afirma ir diminuir a percentagem dos empregados publicos, deu a semana passada o seu nome e o seu voto a uma remodelação na repartição de estatistica que tinha oito empregados e passará a ter—sabem quantos?—oiçam-no, senhores deputados: **587!**

Portugal chegou, decididamente, á ultima degradação. Já não ha brio, já não ha decôro, já não ha, sequer, pudor que obrigue os politicos a arripiar caminho.

Em materia de administração, os govêrnos desceram ás profundêsas do inconcebivel.

Estâmos perdidos! — grita-se de todos os lados. Pois se assim é, abra-se falencia, mas metam-se os responsaveis na cadeia.

Impunes, não, não devem ficar, para honra da Republica em nome da qual prepararam ao país a situação em que se encontra.

CASTIGANDO

—(*)—

Um mercieiro condenado em 1.000 escudos

No governo civil de Lisboa e sob a presidencia do snr. dr. Paiva Loreno, adjunto do director da policia de investigação, realisou se no dia 6 o primeiro julgamento dos açambarcadores, respondendo o mercieiro José Alberto Martins, estabelecido na Rua Vieira da Silva, 131, em Alcantara, acusado de ter em sua casa 160 quilos de açucar sonegado.

Cumpridas as formalidades do estilo e terminados os debates em que tomaram parte o chefe Eduardo Tavares, como representante do Ministerio Publico, e chefe Sequeira, como defensor oficioso, o juiz condenou o réu na minima multa de 1.000 escudos, que não pagou, recolhendo, por isso, á cadeia do Limoeiro, onde ficará perto de ano e meio, pois cada dia de prisão lhe é contado por dois escudos.

Viva a Justiça!

E nada de esmorecimentos.

MAIS DOIS

Desligaram-se do partido democratico o deputado Orlando Marçal e o jornalista dr. Artur Leitão, que no diario *Portugal*, reaparecido esta semana, publica uma carta ao Directorio, tornando conhecida a sua atitude.

E ainda não hãode ser os ultimos.

...e assassino

Porque existe um processo acusando o ex-capitão Sá Guimarães do crime de homicidio voluntario, praticado no tempo da monarquia, este, que já foi julgado por crimes politicos e condenado a 17 anos de degredo, terá de se apresentar novamente em conselho de guerra ou nos tribunaes civis para receber o justo premio do seu, até ha pouco, desconhecido feito, visto a pena a aplicar corresponder a maior tempo de degredo.

Que dirão a isto os amigalhotes de tão atribiliaria creatura?

As festas

—=(*)=—

Apezar da justiça e da incontestada verdade das nossas considerações respeitantes a uns anunciados festejos comemorativos do fracasso do movimento realista do ano findo, verdade e justiça que calaram profundamente no espirito publico, um idiota qualquer, dos muitos que por aí pululam fazendo valer a grandêsa dos seus principios na proporção da sua ignorancia, dirigiu-nos epistola que não vale a pena reproduzir, por o simples motivo de não vir subscritada e não poder, por isso, fazer-se a ligação rial entre a doutrina expendida e o nome do seu autor.

Mas quem quer que seja o figurão, só demonstra inconfundivelmente o seu faciosismo, a sua intolerancia e a sua estupidez!

Aplaudir o que fazem os republicanos, cégamente, indiscutivelmente, quando os mesmissimos actos mereceram a condenação e deles fizeram os mesmos republicanos cavalo de batalha por serem praticados por monarquicos, é um erro, é mais do que isso, é um crime, crime tanto mais revoltante e indigno quanto envolve e significa a prova mais completa das hipocritas convicções, evidenciadas oportunamente em fementidas demonstrações do falso amor e respeito pelos principios.

E' por esse motivo que nunca deixâmos de trilhar, atravez de todas as vicissitudes, a estrada que percorremos.

Póde o *patetoide* remetente da missiva condenatoria da nossa atitude, justificada em argumentos verdadeiramente imbecis, continuar a pensar e a censurar como quizer, que nos não molesta nem modifica. Proseguiremos na nossa rotina—porque continuâmos a acalentar o mesmo Ideal de sempre, sem outro intuito mais do que vê-lo corresponder na realidade das cousas e dos factos, á grandêsa e elevação do seu principio e das suas bases.

Simplesmente republicanos, todavia, ainda que estivessemos subordinados a qualquer grupo, isso não nos obrigaria a aplaudir quanto não fôsse justo e digno em intima harmonia com os bons principios e a logica das coisas.

A exortação ridicula que nos faz, portanto, o autor do tristissimo estendal—relatorio de que só escorre um jesuitico intento e um desejo calculado de quem pretende que se lhe não destrua um plano para futuros proventos, fenece e morre na sua propria miseria, pois todos os factos que tão *dedicada e amigavelmente* nos recorda, como simples resultados dos nossos desgostos e prejuizos—*sem outro qualquer proveito*—são justamente aqueles que constituem os mais belos padrões da grandêsa e elevação da nossa conducta.

E, descance o nosso conselheiro, que talvez o tivesse sido de verdade, nos tempos findos da monarquia, que continuaremos a buscar na nossa fé, nas nossas esperanças e á rigida noção dos nossos deveres, as energias e a dedicação necessarias para continuar a luta, ha tanto sustentada, tendo como incitamento apenas o reconforto que nos vem do aplauso popular, com a certêsa de estarmos combatendo com a mesma verdada, com o mesmo desassombro com que combatemos quando a Republica era apenas uma esperança vaga e longiqua!

O que era então sujeito á condenação, á condenação continua sujeito, pertença a responsabilidade a monarquicos [illegible] republicanos.

Tem sido semp[illegible] a nossa orientação. Disso [illegible] até a cidade inteira prov[illegible]ismavel, quando, uma vez, no tri[illegible]anal, chamados por um bandido, [illegible] para aí se inculca de republicano, mas republicano democratico, a quem apontâmos, com o maior desassombro, os seus crimes, disfarçsdos no mais reles expediente do *conto do vigario*, as suas *escroqueries* vulgarissimas, só proprias de autenticos gatunos de cadastro.

As influencias conseguiram uma sentença iniqua, enquanto cá fóra, em plena rua, no coração da cidade, o miseravel, reconhecido no tribunal como *inocente* das nossas acusações, fugia, espavorido, diante da condenação popular, verdadeiro juiz das grandes causas.

Sucede agora o mesmo.

Pódem não gostar das nossas palavras, *que não são de bom republicano*—diz o toleirão—quantos afoguem nos seus mesquinhos interesses o bem estar da Patria [illegible] a purêsa do regimen. Pela noss[illegible] parte nunca procedemos de outr[illegible] maneira. A nossa orientação se[illegible] sempre aquela que até agora [illegible]mos mantido: honrar os principio[illegible] batalhando pela hora suprema [illegible] libertação da Republica para qu[illegible] ela, a dentro da sua grandêsa magnanimidade, exalte e enobreç[illegible] a Patria.

E assim justificados, nós r[illegible]provamos as festas anunciada[illegible] porque elas são uma prova cab[illegible] do desconhecimento da gravida[illegible] do momento e da indiferença c[illegible]minosa pelos males da Patria, l[illegible]vada a esse extremo exactamen[illegible] por aqueles que melhor a devia[illegible] servir.

O diario *A Capital*, num b[illegible]lhante artigo que havemos de r[illegible]produzir, condenava, ha dias, constantes banquetes e festas qu[illegible] a proposito do mais insignifican[illegible] motivo, os republicanos realisa[illegible] sem cessar, com verdadeiro de[illegible]preso pela miseria em que o po[illegible] vive.

Chegam a ser duma voracid[illegible]de, duma sofreguidão estonteant[illegible]

Pois as festas anunciadas est[illegible] nas mesmas condições. E estand[illegible] nas mesmas condições não as apla[illegible]dimos, nem quantos, como nó[illegible] vêem a negra e pesadissima real[illegible]dade da situação, as aplaude[illegible] tambem.

Situação cheia de todas as c[illegible]lamidades que não ferem só um[illegible] classe, uma gerarquia ou um par[illegible]tido—ferem, em cheio, a Patria.

Onde estará, pois, o patriotis[illegible]mo e o sentimento dos que, vend[illegible] chorar e agonisar a Nação, peden[illegible] musica, foguetes e comesaina?

MORTOS ILUSTRES

A Espanha acaba de perde[illegible] em Perez Galdós um grande ro[illegible]mancista e a França, em Paulo Adam, um dos maiores literato[illegible] contemporaneos.

Ambos conhecid[illegible] no nos[illegible]so país, especialme[illegible]as sua[illegible] obras, a imprensa [illegible] dedica[illegible] lhes merecidos artigos, [illegible]ndo em destaque as suas altas [illegible]alidade[illegible] de espirito e de talento.

AGENDA

Pelo proprietario da conhecida *Casa da Costeira*, sr. Souto Ratola, acaba de nos ser oferecida uma agenda bolsista, utilissima para apontamentos, e que no mesmo estabelecimento pódem ser adquiridas por diminuto preço.

Agradecidos.

Um caso de demencia

Providencias a quem compete

Continuemos. O pobre homem pega na lanterna e no cacete, entra para a sala, pousa cautelosamente a lanterna acêsa a um canto e, encostado ao varapau, espera, de pé, pelo snr. presidente Marmelinho.

As mulheres e os rapazes esperavam tambem na rua.

Dois minutos, se tanto, haviam passado e o snr. Marmelinho descia dois a dois os degraus da escada, e logo aparecia ao homem que anciosamente o aguardava.

— Então que ha? Que ha? Que negocio urgente temos a tratar?—pergunta o sr. Marmelinho á queima roupa, sem mesmo atender aos cumprimentos delicados que o homem lhe fazia.

— Olhe, snr. presidente Marmelinho...

— Presidente !?—atalhou imediatamente o sr. Marmelinho.

— Sim! Disseram-me que...

— Não, não; isso foi chão que deu uvas. Eu não sou homem para vaidades. Agora, quando muito, poderão chamar-me ex-presidente. Isso, sim. Isso é verdade e eu pela verdade dou o sangue das veias.

— Sim, cada um o que é seu.

— Exactamente. Se não fôsse aquele carboneto... Mas vâmos ao que importa. O que fez vir a esta humildé casa o meu amigo?

— Olhe, sr. ex-presidente...

— Ah! agora sim. Ex, ex-presidente! Está bem; eu não quero parecer aquilo que não sou.

— Então, olho sr. ex: eu li ha tempo em *O Democrata* que um tal snr. Faustino tinha perdido o juizo e que uns amigos dele davam grossas alviçaras a quem lh'o encontrasse e restituisse intacto. Como sou pobre, tenho mulher e filhos para sustentar, puz logo os pés ao caminho a vêr se encontrava o tal juizo. Tenho já percorrido diferentes terras, mas nada tenho encontrado. Agora o acaso ou a minha bôa estrela conduziu-me para aqui...

— E' bôa!—respondeu, sem se perturbar, o sr. Marmelinho. Mas que tenho eu com o juizo que o homem perdeu?!

— E' que... Dizem-me que o snr. ex-presidente é pessoa... um cavalheiro... assim muito entendido em questões desta naturêsa; por isso...

— Por isso, o quê?

— E' que eu, sr. ex-presidente, desejava saber qual era a fórma, o feitio, o tamanho e a côr que tinha o juizo do tal senhor para mais facilmente...

— Olhe, meu amigo...

— Não é isso, sr. ex-presidente. Eu peço-lhe que tenha a bondade de me atender, porque sou um desgraçado que ha tres mezes ando na pista do tal juizo e até hoje não me foi possivel encontra-lo. Se ao menos me dissesse...

— Não tenho que lhe dizer. Não são negocios da minha especialidade. Olhe, olhe se você me dissesse onde estavam algumas poldras bonitas para comprar. Isso sim. Tinha uma gratificação, á certa.

— Sim?—diz tristemente o homem. Trata de poldras?! E' essa a especialidade do snr. ex-presidente? E' oficio que rende?

— Até hoje tenho-me dado bem.

— Pois eu... por aqui não sei.

— Mas como tem percorrido muitas terras...

— Ah, sim! Quando ha tempo, em busca do juizo do Faustino, passei por uma terra, cujo nome me esqueceu, ouvi dizer que se ia vender uma grande quantidade desse gado, uma quinta chamada, se a memoria me não falha, da Capa Rota. Se quizer...

Não poude terminar, porque um valente ponta-pé fez ir o homem, de rebolão, estatelar-se em plena rua.

O subito fuzilar do raio ou o rebentar estrondoso do trovão não produziriam maior pavor, confusão e desordem do que então se levantou na rua entre o gaiato rapazio e as mulheres linguareiras.

— Olha o espevitado! O que ele foi fazer ao pobre homem!

— Que anda talvez cheio de fome!

— Ha tres mezes que anda á procáta do juizo do Faustino do Canhão, sem vêr a mulher e os filhinhos...

— Ninguem tinha aquilo no espertalhão do sr. Marmelinho!

— Parêce um santinho, mas olha como ele se sái...

— Ah, mulher! Os ricos não pódem vêr uma camisa lavada a um pobre. Lá porque o homem queria ganhar as *aupiçaras*, vá logo de lhe bater.

— Não são *aupiçaras*—dizem do lado—são *aubiçaras*.

— *Aubiçaras* ou *aupiçaras*. O que o homemsinho queria era ganha-las para matar a fóme aos seus filhinhos.

Enquanto estes e outros comentarios se faziam, o pobre Diogenes recuperava os sentidos, levantava-se a custo, limpava-se da poeira e dizia a meia voz:

— E a minha lanterna, a minha querida lanterna?

— Está lá dentro, está lá dentro—repetem diferentes vozes ao mesmo tempo.

Y.

As posturas

Ha cêrca de 4 para 5 mezes correu a bôa nova e por nossa vez aqui a registámos tambem, de que a Câmara tinha encarregado alguem de coordenar as posturas municipaes existentes, alterando e ampliando-as onde a experiencia e as necessidades presentes aconselhassem.

Já lá vão 4 ou 5 mezes e até agora nada. Mas não seria isso o pior e se pela bôca do proprio encarregado desse serviço nos não fôsse, ha dias, afirmado a absoluta impossibilidade de poder satisfazer o encargo por exigencias da sua vida profissional que o forçará, até, a ausentar-se por largo tempo desta cidade. Contudo, continua por aí impunemente a pratica de todos os destemperos e actos de desacato a tudo quanto a dentro duma terra, como Aveiro, ofende os mais insignificantes principios de higiene, ordem e limpeza.

O ilustre presidente da Câmara não poderia declinar noutra individualidade o encargo confiado a quem, em verdade, o não póde satisfazer?

E' indispensavel saír desta situação prejudicial a todos, mesmo para beneficio da terra.

Imprensa

"Republica Portuguêsa,,

Acusâmos a recepção dos primeiros numeros de um semanario com o titulo da epigrafe lançado á luz da publicidade pelo Centro Republicano de Manáus, de que é orgão.

Apresenta-se bem redigido, encerra varias secções, todas interessantes e de utilidade publica, motivo pelo que, ao saudarmos o novo colega, lhe augurâmos desafogada vida.

"O Livre Pensamento,,

Egualmente pousam sobre a nossa mesa de trabalho alguns exemplares pertencentes á 3.ª série deste jornal em que a Associação do Registo Civil e a Federação Portuguêsa do Livre Pensamento tem o seu orgão. Dirige-o o activo propagandista, Pedro Boto Machado, inserindo o primeiro e segundo numeros, respectivamente, os retratos dos dr. Magalhães Lima e Heliodoro Salgado, este, porêm, já desaparecido ha anos, mas cuja memoria jámais será esquecida por aqueles que, além de correligionarios, tinham por o destemido apostolo uma simpatia extrema e inegualavel admiração.

Com os nossos cumprimentos de bôas-vindas, o ardente desejo de que *O Livre Pensamento* prospére, como convem, num país onde a reacção começa de novo a deitar de fóra os seus tentaculos.

SERVIÇO DA REPUBLICA

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

CAIXA ECONOMICA PORTUGUESA

ESTA aberta ao publico a Filial nesta cidade, que se encontra instalada na Rua da Alfandega, no antigo edificio do Hotel Cisne.

Para esta Filial passaram todas as operações da Caixa Economica Portuguêsa que até aqui eram feitas na delegação instalada na Direcção de Finanças.

A Caixa Economica Portuguêsa recebe depositos á ordem, COM A GARANTIA DO ESTADO e abona aos seus depositantes o juro anual de 3,6 por cento aos depositos até Esc. 5:000$00 e 2 por cento ás quantias que excederem 5:000$00.

O levantamento dos depositos efectuados nesta Filial póde realisar-se por meio de cheques ao portador, o que muito facilita as transações dos srs. depositantes.

Os srs. depositantes poderão efectuar levantamentos em todas as localidades do continente e ilhas, que sejam sédes de concelho, mediante apresentação de carta de ordem passada por esta Filial.

A Caixa Economica Portuguêsa encarrega-se tambem de TRANSFERENCIAS PARA QUALQUER CONCELHO DO CONTINENTE E ILHAS, mediante o premio de $05 por cada 50$00 ou fracção e encarrega-se tambem da conversão dos depositos, no todo ou em parte, em titulos da divida publica portuguêsa ou em quaisquer outros papeis de credito que tenham cotação na bolsa, cobrando por isso a comissão de 2 por mil sobre o valor do capital empregado.

Filial da Caixa Geral de Depositos em Aveiro, 9 de Janeiro de 1920.

O Chefe da Filial,

Alexandre dos Prazeres Rodrigues

Gente com juizo!

Com esta epigrafe publicou um diario alfacinha:

Foi mandada á imprensa esta *nota oficiosa* da Federação Nacional Republicana, que muito nos apraz publicar e aplaudir:

«As comissões das freguesias de Lisboa da *Federação Nacional Republicana*, colectividade politica que tem a honra de ter por associados a quasi totalidade dos assaltantes de Monsanto, em reunião de delegados, resolveram não colaborar nos anunciados festejos pelo primeiro aniversario da vitória contra os rebeldes monarquicos por ponderarem que se torna necessario pacificar a sociedade portuguêsa, para que se possam solucionar os problemas nacionaes. Mais resolveram tambem advogar a necessidade urgente de se conceder homenagem aos individuos por julgar por delictos politicos e sociaes, até se liquidarem as suas responsabilidades, e a suspensão do cumprimento das penas aos já condenados, visto ser impolitica, neste momento, a concessão de uma amnistia.»

Pelo que se vê ha gente de juizo por toda a parte, como tambem, por toda a parte, existem *festeiros* insaciaveis, *denodados republicanos* e *sinceros patriotas* que só com musica, foguetes e mesa posta, alardeiam das suas convicções.

E a Patria? A sua situação, o horror em que debate a sua existencia o povo nosso irmão?

A Patria e o Povo que se... esfreguem...

Mas as nossas afirmações, os nossos protestos no tempo da propaganda, compromissos sagrados tomados perante a nação?

Ora... Nesse tempo viamos de baixo para cima, agora diremos como Sixto V—*Vemos de cima para baixo!*

E assim é a moralidade e a coerencia de muitos republicanos.

CARTA

Recebemos uma subscrita por *Um socio do Club dos Galitos.*

Nela, o remetente, crêmos que com alguma razão, se queixa de que aquele Club é uma agremiação morta, não oferecendo aos seus associados qualquer divertimento, o mais insignificante e economico, continuando a cobrar uma mensalidade insignificantissima para servir propositadamente de argumento ás reclamações verbalmente feitas contra a actual orientação, e terminando por afirmar que este é *feudo, apenas, de meia duzia de maduros que para ali vão todas as noites disputar umas sujas e remendadas notas de 5 centávos!*

Terá muita razão o reclamante; porêm, o melhor será convocar uma assembleia geral e dizer da sua justiça de fórma a ela resolver, como soberana, que é.

Porque, é bem de vêr, nós nada podemos fazer em proveito das suas queixas.

A VENDA DE GENEROS

Tratando deste momentoso assunto, que a tanta especulação tem dado logar, o *Seculo*, de domingo, escreve:

....

Tambem de Aveiro nos comunicam que a casa Pedrosa & C.ª recebeu o açucar comprado na Povoa de Santa Iria, ao preço de 46 centávos o quilo, vendendo-o ao preço de 1$10. Incluindo todas as despezas, esse açucar custou 2:450$00, o que daria aos revendedores, mesmo que fosse vendido a 80 cent., o lucro de 950$00. Porque é que as autoridades não intervieram e não foi a especulação comunicada á delegação dos abastecimentos do Norte? Parece que a camara municipal de aquela cidade está negociando nesta capital açucar em bôas condições, de maneira a vender dentro da tabela. Mas a especulação fez-se e o pobre publico foi lezado mais uma vez.

Sem comentarios.

EFEITOS...

Do semanario republicano *O Despertar*, que vê a luz da publicidade no Pinheiro da Bemposta, concelho de Oliveira de Azemeis:

Os jornaes publicam uma carta que o snr. dr. André dos Reis, de Aveiro, dirigiu ao ex-padre Camilo de Oliveira a proposito da visita que os republicanos do Porto fazem á cidade de Aveiro.

Diz o sr. dr. André dos Reis, *que a Junta de Defêsa da Republica é a unica e legitima representante do Povo republicano.*

Qualquer entidade oficial de Aveiro, nada representa para os republicanos dali.

Positivamente o snr. dr. André dos Reis, não está bom do miolo!

Representante legitimo do povo republicano de Aveiro?

Póde sê-lo. Não duvidâmos.

Mas era o sr. dr. Reis, representante legitimo do povo republicano de Aveiro, quando, após a *traulitania*, nos exportaram para o distrito o seu compadre Sampaio Maia, para, de gôrra com ele, proteger toda a *talassada* que tinha perseguido os republicanos do norte do distrito, durante os vinte e cinco dias de Reinado?

Calado, caladinho, é que devia estar.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Luz.*

E admira-se!

A *Razão* diz que a vingar o nosso modo de vêr quanto ao despejo, para a via publica, de aguas de uso domestico pelos moradores das casas que não tenham quintal ou cano de esgoto, teremos, dentro em pouco, os habitantes dos predios em taes condições, a lançarem para a rua, além de aguas sujas, tudo quanto lhes apeteça, incluindo os liquidos e solidos menos limpos e mais mal cheirosos...

Compreendemos. Mas o que quere? Eles hãode come-la?...

Pauta de jurados

E' composta dos seguintes cidadãos a que hade servir n'esta comarca durante o primeiro semestre de 1920:

José Martinho de Oliveira, de Aveiro; Manuel Ferreira da Rocha Leitão, idem; Antonio Vieira dos Santos Junior, idem; Ricardo Mendes da Costa, idem; Albino Pinto de Miranda, idem; Arnaldo Ribeiro, idem; Francisco Antonio de Meireles, idem; Alfredo Pereira Luz, idem; Antonio Vilar, idem; Antonio Alves Videira, idem; Antonio de Oliveira Farela, idem; Antonio Manuel da Silva, idem; Manuel Barreiros de Macedo, idem; Antonio Ernesto Souto Ratola, idem; Jaime Duarte Silva, idem; Manuel Simões Maio do Miguel, das Aradas; Antonio Gonçalves Bartolomeu, idem; Alberto Souto, idem; Antonio Fernandes Rangel, idem; Domingos Simões Morgado, idem; Antonio Nunes da Ana, idem; Antonio Nunes Rafeiro, idem; Manuel Bernardo Balseiro, de Ilhavo; José Ferreira Campanhã, idem; Manuel Nunes Visinho, idem; Francisco Teiga, idem; Manuel de Oliveira Razoilo, idem; Manuel Ferreira Jorge, idem; Manuel Rodrigues Fernandes, de Eixo; Manuel Luiz Ferreira, idem; Manuel Francisco Atanasio de Carvalho, de Requeixo; Manuel Martins da Maia, idem; Antonio Tomaz Marques Mostardinha, idem; Manuel Euzebio Pereira, de Cacia; Manuel Gonçalves, da Oliveirinha e Manuel Martins de Almeida Seabra, de Nariz.

CORRESPONDENCIAS

Costa do Valado, 15

Um grupo de conterraneos nossos prepara-se para fazer este ano brilhantes festas em honra da Senhora do Rosario, para o que já tem angariado algumas quantias a elas destinadas.

—— Morreu com 85 anos, no proximo logar de Mamodeiro, a viuva Rosa Marques, considerada a mulher mais antiga que lá habitava.

—— Hoje tambem faleceu na Quinta do Picado a esposa do bemquisto lavrador, sr. Manuel Simões da Rocha.

—— O vinho continua a vender-se por preços elevadissimos, não tendo conta a quantidade de pipas que diariamente passam para a estação de Quintans com destino ao embarque.

—— Teem hoje passado por aqui inumeros romeiros que se dirigem aos Santos Martires, de Travassô, no concelho de Agueda.

Em nenhum deles se notava qualquer traço de contrariedade pela subida dos *liberaes* ao Poder...

C.